

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

COLECIONISMO: Uma prática artística e uma estratégia no Ensino da arte do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto.

Luzmari Fernandes Rocha ROSA ¹

Luciano Parreira BUCHMANN ²

RESUMO

Este estudo faz um relato reflexivo de uma prática educativa em arte, ocorrida no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Netto, Curitiba- Paraná, em 2017, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. O objetivo do projeto foi conscientizar os estudantes sobre o colecionismo e a transformação que a passagem do tempo faz na cultura material, revertendo os objetos, e ou, até coisas sem importância que descartamos, em indícios e memórias. O colecionismo, além de estratégia da arte contemporânea, principalmente na obra de Mabê Bethônico, também foi abordado em seu aspecto histórico e museal. A justificativa do projeto foi a incompreensão dos estudantes sobre os museus de arte, o que, ao longo do trabalho, os auxiliou na construção de outra visão sobre o valor e a função dos museus e da produção artística. Como metodologia para alcançar o objetivo e essa transformação de mentalidade, foi utilizada a caixa de memória, que inspirada na obra do artista americano Andy Warhol, serviu de recipiente para o que os alunos desejassem guardar/preservar durante os oito meses de desenvolvimento do trabalho.

Palavras Chave: colecionismo, memória, arte contemporânea, patrimônio cultural.

1 INTRODUÇÃO

No Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto os alunos do 6º ano não demonstravam interesse por obras de arte e tão pouco as conheciam como parte integrante de um repertório cultural e histórico. O aprendizado me

¹ Aluna PDE 2016

² Orientador **Unespar Campus II** _ Faculdade de Artes do Paraná.

parecia um tanto distante e alcançar propósitos do porquê conhecer e saber o que é um museu, passavam longe do pensamento estudantil.

Ensinar arte se tornou mais difícil na atualidade. Os jovens hoje têm pouco interesse naquilo que lhes exige a produção e a reflexão, são de certa forma, o espelho e o produto de uma sociedade que pouco valoriza o passado, e inconscientes da passagem do tempo, só têm olhos para o futuro, desprezando as marcas do presente.

Isto tem provável causa no fato de que os jovens na sociedade contemporânea têm como desafio o uso de novas tecnologias que parece cada dia mais constante. A necessidade do último modelo de celular ou do mais recente lançamento da moda está aliada aos desejos dessa população que descarta produtos em uso recente, “sem dó”, muito contrário aos hábitos da geração de seus avós que mantinham, que cuidavam, consertavam seus utensílios. A reposição de novos produtos e o consumo irresponsável coloca o jovem em constante renovação de valores e práticas, sem que estabeleçam valores sentimentais aos objetos frente à possibilidade de renovação dos mesmos.

Essa situação eu pude perceber em meus alunos, principalmente, em uma conversa na aula em que abordei os museus de arte, na qual foi flagrante que esse tema serviria a um problema de pesquisa e, ao mesmo tempo, propício a um projeto de ensino. É sobre isso que relato e reflito nesse artigo, tomando a temática do colecionismo, da arte contemporânea e do acervo dos museus de arte.

2. Fundamentação Teórica

O Consumismo e o Jovem

Na sociedade contemporânea, o consumismo desenfreado é razão da origem de resíduo e conseqüente problema social, é o que diz Marcos Mol em seu artigo “A sociedade de consumo e o descarte de resíduos” no Portal Eco Debate (Mol, 2003). O autor considera que esse consumo imensurável surgiu na sociedade com a passagem do tempo, o avanço da comunicação e mudança cultural e adquiriu um status de prioridade perante os demais valores,

principalmente, na faixa etária juvenil, sendo que essa mentalidade consumista sem limites e preocupações está impregnada na sociedade.

Para os jovens, a aquisição de um novo produto ao invés da reparação de um já existente e que se estragou, é algo que não está entre as opções interessantes. Eles desconhecem a possibilidade de guardar ou de reaproveitar peças ou, partes delas, mesmo que seja para a formação de um novo objeto, que possa ser apenas decorativo. Eles não refletem sobre a origem dos novos produtos – por vezes, fruto de exploração humana e do trabalho escravo – nem a respeito do destino daquilo que é descartado e que venha a poluir ou ocupar espaço, coisa que já ocorre há muito tempo e que os jovens aprenderam conosco.

Foi ao longo do processo histórico da humanidade que aprendemos a produzir objetos úteis para nosso cotidiano. Com a transformação da sociedade e o passar do tempo, o consumismo, a produção e a falta de consciência sobre essas questões só cresceram, a ponto de que hoje, em muitas partes do planeta, áreas enormes são ocupadas pelo que é descartado, se tornando um problema social.

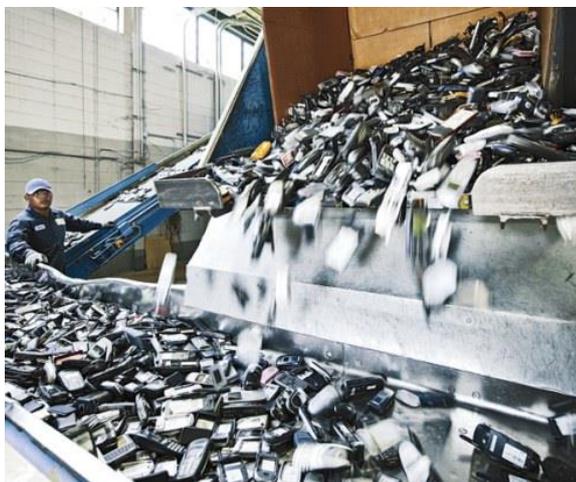


Figura 1 Descarte de aparelhos celulares

Fonte: SITEMELHORAMIGA.COM.BR. **Projeto da USP visa minimização dos impactos ambientais oriundos do descarte inadequado de aparelhos celulares.** 2011. Disponível em: <http://www.melhoramiga.com.br/2011/06/projeto-da-usf-visa-minimizacao-dos-impactos-ambientais-oriundos-do-descarte-inadequado-de-aparelhos-celulares/>. Acessado em 16.11.2017.

Em virtude dessa questão delicada, presente em todo lugar, e que como já mencionado, atinge intensamente o público juvenil, o projeto desenvolvido no

Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto, dentre os meses de março a novembro de 2017, buscou por meio do ensino da arte aliar certa conscientização ambiental, indo na contramão do descarte, tentando perceber o valor cultural que o tempo incorpora aos objetos, como forma de perceber a operação de memória que os museus desenvolvem com suas coleções, haja vista que, os jovens com quem esse projeto foi desenvolvido, desconheciam as funções dessas instituições. Para tanto, uma categoria da produção em arte contemporânea que se vale do colecionismo como estratégia artística, serviu para a reflexão e produção.

Para a pesquisadora Livia Barbosa (2011, p.68) a ideia de que, no mundo contemporâneo, só existimos a partir do que consumimos gera reflexos negativos: o exagero do consumo, o descarte desenfreado e a produção constante de novos objetos atingem principalmente a um grupo específico de adolescentes, e é formador de um desafio: o entrecruzar dos tempos: passado, presente e futuro.

Ainda segundo Barbosa, (2011, p.68) o entendimento de consumir tem das vertentes: consumir, para fins de satisfação de necessidades “básicas” e ou “supérfluas”. A autora ainda conduz à questão imperativa sobre o que significa o consumo em uma sociedade caracterizada pela contemporaneidade.

O comportamento juvenil em frente ao assunto consumo está aliado ao sentido de prazer. Para LECCARDI (2005) o jovem da contemporaneidade tem o tempo como significado de uma dimensão incerta. Isso faz com que as biografias juvenis sejam definidas pela época presente e pelas modalidades de relação ao futuro, sem fazer conexões com o passado.

O tempo cotidiano é cuidadosamente investido por novas condições temporais de agir, muitas vezes evocadas pelo discurso comum e pela comunicação da mídia. Para os jovens há grandes separações entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável a identidade.
(LECCARDI, 2005,p,36)

Os jovens são imediatistas e precisam de inovações constantes e convivem com naturalidade à efemeridade das modas, dos produtos, técnicas de produção, ideias, ideologias, valores e práticas estabelecidas na sociedade que se torna uma experiência, de certa forma, alienada. Conscientiza-los que os objetos devem e podem ser reaproveitados é um desafio e pode ser

vivenciado com diálogos em sala de aula, de maneira a proporcionar ao jovem uma nova visão do consumo exagerado.

O descarte x a preservação: a lição das coisas

Nesse trabalho, a coleta e preservação de pequenas coisas que seriam descartadas pelos estudantes, foi “peça chave”. Ela pode ser pensada como metodologia de pesquisa do projeto e como estratégia artística, uma vez que serviu para que os estudantes compreendessem determinadas práticas da arte contemporânea, às quais poderiam entender melhor, caso as vivenciassem, percebendo concretamente, a passagem do tempo e a incorporação de valor nas coisas.

A proposta foi reverter a ideia de que tudo se transforma em lixo, fazendo com que os estudantes vissem que o cotidiano pode deixar marcas, ou seja, que essas marcas que atiramos na lixeira, podem se transformar em vestígios da passagem do tempo, que elas poderiam nos dar, num futuro, “a lição das coisas”(HORTA, 2005), e que, aquilo que descartamos, poderia contar no futuro sobre o presente que vivemos, pois os objetos podem nos levar a

...perceber, compreender e a se identificar com o drama histórico, social e cultural encapsulado em cada objeto, em cada artefato, em cada expressão cultural que preservamos nos museus ou fora deles, como referências para o presente e para o futuro (HORTA 2005, p.223).

A autora continua seu raciocínio, dizendo que, tomados como memória coletiva ou patrimônio, os objetos culturais, “têm a força e a função de signos no processo da comunicação social” e podem ser vistos como “suportes de sentidos e significados, determinados e produzidos de acordo com diferentes códigos culturais, diferentes léxicos, subcódigos e gramáticas” (idem, p.224). Para Horta, os objetos carregam,

[...] em si, impregnadas inexoravelmente, as impressões digitais daqueles que os produziram, e as expressões mentais de seus criadores. Os saberes, os quereres, os valores, as crenças, os mitos e os sonhos estão definitivamente integrados, celularmente imbricados nos fenômenos e expressões culturais que os materializam ou corporificam diante de nossos olhos (idem).

Como exemplo da transformação que os objetos e até nosso lixo sofrem, o historiador Phillipp Blom ao contar a história dos colecionadores e das coleções, diz que, ao contrário do que foi no passado quando a indústria de massa inexistia, hoje os objetos produzidos industrialmente são destaques em prateleiras das coleções de colecionadores anônimos com álbuns velhos, com velhas cenas urbanas, caixa com velhos canhotos de ingressos de futebol, programas de teatro, coisas de diferentes passados, e que se transformam em pequenos santuários. Blom ilustra com o exemplo de Robert Opie que possui 500 mil embalagens, de caixas de televisão a caixas de fósforo, e que vive de vendê-las ou aluga-las para filmes de época, e que reflete a respeito do "enorme pedaço de história social que eu estava prestes a jogar fora" (BLOM, 2003, p.188).

Quando se descarta logo, perde-se a possibilidade de olhar de outra maneira para essas coisas que não tinham importância. Esses objetos descartados diariamente são reveladores do consumo, das práticas sociais e determina a que grupo social faz-se parte. Assim é possível identificar o perfil dos indivíduos, valendo lembrar que o lixo da sala dos professores difere do lixo da sala de aula, que a lixeira da sacristia não contém o mesmo material do lixo da delegacia, por exemplo.

Faz parte dos cuidados de qualquer colecionador, certa organização da coleção, algo que vem estética do cotidiano. Para Ivone Richter (2003, p.140) os aspectos da estética do cotidiano e o ensino das artes visuais são carregados de um fazer especial tornando-o diferente do comum, pois esse modo de fazer é arregrado de prazer estético. A autora ainda destaca que é possível uma educação estética cultural na escola por meio de uma pedagogia de resgate do outro, de outras culturas.

Em uma coleção de objetos do cotidiano é possível certa catalogação, numeração, enfim, dados que são possíveis ser revelados apenas pelo seu dono, mas que podem estar disponíveis ao olhar e a apreciação. A coleção, por esses fatores, como diz Venâncio (1993, p.7) é um autorretrato do colecionador e da sociedade. Segundo o autor ainda os objetos de uma coleção revelam motivos individuais de um colecionador bem como tendências de uma época, de um certo período histórico, de uma geração.

Como exemplo vale citar o Colégio Estadual do Paraná que além de uma pinacoteca, com obras de importantes artistas do Estado, possui diversas outras coleções que registram sua história, como a coleção de fotos dos ex-diretores e ex-professores de épocas passadas. Na galeria cada foto revela aspectos da moda da época, como se vestiam, como se apresentavam visualmente, como se portavam diante do cargo de diretor do colégio, qual penteado usavam, quais acessórios do vestuário preferiam.



Figura 2: Galeria de fotos de ex-diretores e ex-professores do Colégio Estadual do Paraná. Coleção de troféus de campeonatos de diversos esportes.

Fonte: a autora

Na Imagem 2 pode-se observar alguns retratos dessa galeria. O observador repara nas fotos que apresentam imponentes senhores a se apresentarem de maneira distinta e com garba elegância nos retratos. As fotos na parede nos faz refletir sobre cada imagem: como viviam, como dirigiam suas aulas, como viviam com a família e ocupavam seu tempo dedicando-se a vida escolar? Nesses quadros de fotografias há uma moldura dourada com arabescos e frisos dourados em alto relevo torneando os retratos e ao fundo da fotografia uma sombria mancha cinza que contorna os rostos pálidos quase como uma penumbra enfatizando o olhar sério e compenetrado de cada retratado. Na galeria dos diretores é notável a falta das mulheres o que revela

fatores como o lugar da mulher naquela sociedade, e a absoluta familização que a educação teve no último século, invertendo por completo: hoje, raros são os homens professores e diretores. Porém a coleção de retratos de ex-professores e ex-diretores demonstra também o nome de personalidades conhecidas historicamente no estado do Paraná, e que hoje tem seus nomes nas ruas da cidade como Dario Persídio Castro Vellozo, Guido Straube que foi em 1919 professor substituto de História Natural, Higiene e Agronomia do Ginásio Paranaense (atual Col. Est. do Paraná).



Figura 3: Quadros retrato de importantes ex-professores do Colégio Est. do Paraná.

Fonte: própria.

Ainda percebendo a lição das coisas que esses objetos nos dão sobre o passado do Colégio Estadual nos armários com troféus, alunos e professores hoje podem perceber que as tenistas vestiam saias, que os atletas usavam uniformes muito diferentes dos atuais, assim como eram seus cortes de cabelos que prendem essas imagens no passado e que podem passar despercebidos se não for por uma observação minuciosa, afirmando que, “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem.” (Sahlins apud DOHMANN, 2013, p.36).

Segundo BAUDRILLARD (2008, p.94) o objeto na coleção, abstraído de seu uso, toma um estatuto de subjetivo. Esse sentimento de posse vivida pelo indivíduo o leva a fazer uma organização complexa entre os objetos que se relacionam uns com os outros de maneira complexa pela paixão formando a coleção de objetos. A relação de afetividade entre o objeto e o colecionador desdobra-se em signos e sentidos expressivos passível de um olhar delicado. Bem por isso, quando os jovens estudantes fazem coleções individuais, essas podem apresentar-se de maneira organizada, proporcionando também uma apreciação estética e a aquisição de conhecimento, de maneira a formar um conceito estético e, portanto educativo. Para COSTA (2007,pg.24) a coleção é um processo criativo.

O Colecionismo como prática artística

As diversas práticas que surgiram na Arte Moderna, já apontavam uma relação diferenciada da produção acadêmica da arte do século XIX que se valia dos gêneros tradicionais, - o retrato, a paisagem, a cena de gênero e a natureza-morta, e das modalidades da pintura, desenho, gravura e escultura. A escultura, ao contrário das outras modalidades, pela tridimensionalidade, sempre se caracterizou pela transformação de matérias primas, quer pela retirada ou pela sua adição. Na grande maioria dos casos empregando a pedra, a argila ou, ainda, as ligas de minérios, com as quais as esculturas eram fundidas. Essas práticas sofreram transformação no período da Arte Moderna, no qual a colagem e a *assemblage*, passam a fazer parte do hall de opções para a criação das artes plásticas, significando uma abertura.

Na Arte Moderna a *assemblage* e a colagem, foram modalidades que permitiram grande abertura na linguagem plástica, sendo exemplos algumas obras de Pablo Picasso que antecederam ao cubismo. A partir dessas marcas históricas, o campo artístico foi se transformando até a metade do século XX, quando acontece a mudança do paradigma da Arte Moderna para a arte contemporânea, tendo a Pop Art americana como expoente. Posteriormente, aconteceu aquilo que Rosalind Krauss e Michel Archer chamaram de Expansão do campo artístico (ARCHER, 2012), quando os artistas inventam diferentes

possibilidades de fazer arte, como a instalação, a boby-art, a land-art, entre outras.

O artista plástico Andy Warhol (1928-1987), extremamente popular pelas famosas obras que retratam latas de sopa Campbell's e celebridades da primeira metade do século XX, como Elizabeth Taylor, Elvis Presley e Marilyn Monroe, foi o principal expoente da Pop Art. Por volta de 1974, Warhol começou a coletar de seu cotidiano, pequenos indícios em caixas abertas que deixava em seu atelier, quase como lixeira do descarte inorgânico. Essas caixas foram chamadas de "cápsulas do tempo", que abrigaram cartões, ingressos, pedaços de jornais, fotografias, flyers e outros resquícios testemunhais de sua vida.

A ideia de "Cápsulas do tempo", provavelmente não seja da arte, mas o objetivo delas como dispositivo é projetar o presente para o futuro e outro espaço, ou indivíduos. O exemplo a seguir mostra que três anos depois de Andy Warhol a NASA (1977), querendo expressar a essência da identidade humana, lançou duas espaçonaves gêmeas Voyager pelo espaço para visitarem planetas distantes. Nesse projeto trabalharam o cientista e astrofísico Carl Sagan e o pintor e produtor de rádio John Lomborg que juntaram gravações (de tantos sons quanto foi possível) e imagens variadas da humanidade.

Esse material foi gravado em um disco analógico de cobre folheado a ouro, e que continha uma agulha além de diagramas "ininteligíveis" sobre como utilizá-lo. As informações foram armazenadas em uma caixa de alumínio dentro das Voyagers, e seguiu espaço estelar à fora, carregando uma demonstração do que seria uma peça de arte. Os propositores consideraram que a arte poderia ser um dos últimos fragmentos remanescentes da expressão artística humana, capaz de mostrar algo de nossa civilização a uma espécie extraterrestre que por acaso encontrasse essas cápsulas.

Segundo Weismann (2007,pg.312) essa ideia de arte causou espanto pois esses fragmentos poderiam ser os últimos remanescentes da expressão estética humana.

As cápsulas de Warhol passaram a ser uma proposta de trabalho artístico, um projeto de coleta e armazenamento do que é fugidio, o tempo. Ao todo, 610 caixas de papelão com centenas de objetos que se tornaram

verdadeiros reservatórios de memória do artista e da sociedade, até sua morte em 1987. Warhol colecionou caixas de papelão com centenas de milhares de objetos, artefatos e coisas do seu dia a dia.



Figura 4: cápsula do tempo 608 de Warhol.

Fonte: **SITE BBC NEWS. THE SECRETS OF ANDY WARHOL'S TIME CAPSULES**
DISPONÍVEL EM: <<http://www.bbc.com/news/magazine-29125003>> Acessado em :
07.01.2018

O museu Andy Warhol, localizado em Pittsburg, catalogou as cápsulas do tempo de Warhol e é responsável pela conservação das mesmas. Na caixa 608 (figura 4) observa-se a existência de folhetos de galerias, *junk-mail*, cartões de galeria convite, cartas fechadas, solicitações para trabalho, LPs de brinde, um pedaço de concreto, milhares de selos postais usados que o artista rasgou de envelopes, pacotes de doces e obviamente latas de sopa Campbell fechadas. As cápsulas do tempo é o maior projeto de coleta da vida de Warhol. São caixas de papelão que guardavam os objetos e coisas de Warhol porque segundo o artista as caixas eram um método eficiente para lidar com suas coisas. Dentro das caixas há o conteúdo diário porém selecionado pelo artista de correspondências que recebia, fotografias, registros comerciais. Uma vez que a caixa estava cheia ele a lacrava com fita adesiva marcada a data e título, então começava a colecionar coisas em outra caixa de papelão. Essas caixas se tornaram verdadeiras coleções e uma obra de Warhol mostrando uma visão

do mundo privado do artista. As caixas foram dispostas para conhecimento público somente em 1994 quando da abertura do Museu Warhol.



Figura 5: cartas, flyers, postais, ingressos de teatro, revistas e outros encontrados na cápsula do tempo 608 de Warhol.

Fonte: **SITE BBC NEWS. THE SECRETS OF ANDY WARHOL'S TIME CAPSULES**
DISPONÍVEL EM: <<http://www.bbc.com/news/magazine-29125003>>Acessado em :
07.01.2018

Segundo o historiador de arte britânico Tim Marlow(1963 -) a cápsula do tempo de Warhol tem uma espécie de poesia curiosa. Ressalta ainda que Warhol era um arquivista e um colecionador bem como alguém que entende de produto, pois em suas *assemblages* mostra uma curiosa perspectiva de sua vida.(Elmes,2014,p.4)

Na década de 1950, Warhol trabalhou como artista gráfico comercial, que pode ser uma das razões pela qual guardou imagens e bens produzidos em massa coisas da publicidade, e embalagens ou coisas tiradas da superfície do cotidiano tornando sua obra colecionável uma trama de seu trabalho criativo, marcas registradas do Pop Arte.

As cápsulas do tempo de Andy Warhol formam uma obra de arte colecionável. Retrata a vida do artista e são elementos de cultura. Como diz MONTEIRO (apud Dohmann, 2013, p.101) elementos de um produto são,

[...] suportes para a ação, e podem ser resultados do trabalho: compreendidos como mediadores entre atividades diferentes ou como mensageiros no decorrer do trabalho, da ideia que se quer transmitir. Em ambos os casos, sejam mediadores ou mensageiros, os objetos intermediários de concepção permitem descrever processo de desenvolvimento..., referenciando-o às diferentes etapas deste processo. (idem).

Quando nos cercamos de objetos, esperamos mergulhar no que eles representam. Segundo BLOM (2003, p.180) um mundo diferente porém mais significativo pode nos falar a partir de coisas humildes.

Exemplos de obras e artistas que podem ser relacionados a essa proposta que pretende fazer a ponte entre o passado e o presente, são muitos. Nessa curadoria educativa, foram escolhidos além do americano Andy Warhol, três brasileiros, Farnese de Andrade(1926-1996), Mabe Bethônico e Rosângela Rennó.

O mineiro Farnese de Andrade tinha como parte de seu processo criativo, o princípio da coleta de objetos ou, de partes deles, que podiam pertencer a universos muito distintos como o do mobiliário e dos brinquedos. O artista coletava ossos, cabeças de bonecas, pedaços de louça, fotografias, pedaços de madeiras que juntava nas praias do Botafogo e do Flamengo, coisas marcadas pela passagem do tempo e que armazenava em seu atelier.

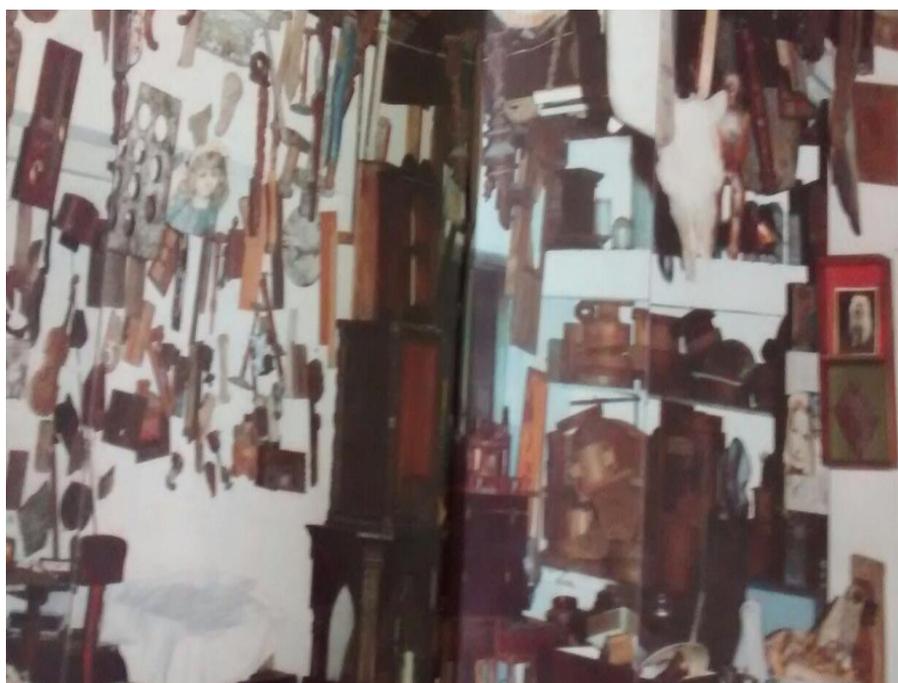


Figura 6: o ateliê de Farnese de Andrade.

Fonte da imagem: Foto (Cosac, 2005, p. 190)

Essas partes de objetos guardados ficavam como que a espera do momento em que seriam reunidos a outros elementos, constituindo um novo conjunto, que eram colocados em repositórios diversos, como oratórios, gamelas, redomas de vidro ou em caixas. O artista ilustra com brilhante frase o propósito dessas coletas:

“O prazer que me proporcionam esses achados nas mais variadas fontes, o encontro de duas peças que se completam, às vezes até existentes no caos de meu ateliê, e o ver a obra pronta, completa, definitiva. É aí que reside minha grande alegria”. (2005,p.189)

Outro exemplo, por coincidência também natural de Minas Gerais, é a artista plástica Mabe Bethônico (1966). Bethônico, é pesquisadora e professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais em seu trabalho, cria o diálogo “com arquivos com outras instituições, com interesse por ficcionalização de fontes referenciais, viabilizando acesso por meio de jornais, posters, internet e palestras”³. Seu trabalho relaciona práticas diversas, algumas modestas como o recorte de jornais e revistas, outras muito elaboradas, como o “Museu do sabão”, tentando fazer da história e memória um lugar, seja de pessoa, situações ou de sentimentos relativos a esses objetos.

A partir de 1996 quando Mabe Bethônico se mudou para Londres, ela começou um verdadeiro banco de imagens retiradas de jornais, separando-os, inicialmente, em quatro grandes categorias de imagem: destruição, corrosão, construção e flores. A partir das exposições de 2000 em Londres, a artista criou o personagem “coleccionador”, que era quem “assumia” a responsabilidade pela continuidade do banco de imagens. A proposta era a desvinculação da artista com o projeto de coleta, ao mesmo tempo em que criava uma personagem para a continuidade do trabalho, não possuindo uma determinação de gênero. Visando sua autonomia, Bethônico depositou várias subdivisões de seu arquivo de imagens em pastas que, acondicionadas em caixas de papel, passaram a

³ <http://www.premiopia.com/pag/mabe-bethonico/> acesso em dezembro de 2017.

ficar à disposição do público no setor de hemeroteca da biblioteca do Museu da Pampulha.⁴



FIGURA 7: “O COLECIONADOR”

FONTE: **SITE PIPA. A JANELA PARA A ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA.**

Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/mabe-bethonico/>

Acessado em: 15.05.2016.

Para Ana Paula Cohen (2006,p.1) o trabalho colecionista de Mabe Bethônico caracteriza-se como uma estrutura que articula coleções, atividades, textos, imagens, etc. As coleções e atividades do “Museumuseu” estão amparadas entre a ficção e a realidade, documentação e construção, referenciando que a informação pode ser construída e retrabalhada continuamente. Por ocasião da 27ª Bienal de São Paulo o trabalho da artista destacou-se por servir de ponto mediador e visível entre a Instituição Fundação Bienal de São Paulo e o público.

Nesse sentido, o Museumuseu pode ser visto como uma prática de crítica institucional construtiva: se por um lado faz uso de instrumentos museológicos, criando sistemas de classificação, conservação e coleção de determinados objetos, por outro lado abre possibilidades de combiná-los e acessá-los de formas diversas, em diferentes tempos, propondo novas leituras e formas de apreensão daqueles materiais. (COHEN, 2006, p.1).

⁴ Os projetos de apropriações de Bethônico podem se estender ao longo do tempo, como é o caso de o “ Colecionista”(1996-), as produções são incorporadas num arquivo flexível que começou na internet (www.museumuseu.art.br), se alonga por espaços diferentes, envolvendo artes ou um novo elemento incorporado

O trabalho da artista consiste em uma transformação do universo museológico em um “problema” poético, fazendo com que sua obra tome uma posição política, diferente de muitos outros artistas contemporâneos que se contrapõem às instituições museológicas ou as usam como ferramenta. Em entrevista a Revista Museologia & Interdisciplinaridade, Mabe Bethônico disse que, sua posição diante do museu ou de arquivos,

[...] está em seu potencial como campo de ficção: busco lacunas, questões esquecidas, sintomas, e busco construir uma relação com seus ‘agentes’ de forma a adentrar e ativar seus conteúdos. Assim, ocupo a rotina de trabalho e logo deixo de ser visitante para ser participante, - cúmplice ou ameaça. Esses papéis me interessam, não ocupo lugar de observação, mas de construção, ativando engrenagens, causando mudanças. (2004, p.250)

Essa operação também se evidencia em seu trabalho, “Museu do sabão”, uma coleção de sabão em barras,— organizados em setores de sabões artesanais e industrializados de diferentes cores – organizados em caixas, que se empilham sobre rodas e que consiste em um “Módulo itinerante”, a ser disposto no chão ou sobre uma mesa. Por ser itinerante, o módulo, pressupõe uma sede fixa do “Museu do Sabão”; no entanto, ele contém todo o acervo. O trabalho prevê o crescimento da coleção durante o seu trânsito, como a participação e doações voluntárias do público (COHEN, 2006, p.4).

Outra obra que compõe a curadoria educativa⁵ deste projeto, é a de Rosângela Rennó, arquiteta de formação, desenhista e fotógrafa que se apropria de fotografias e álbuns que coleciona. Em seu depoimento no documentário, “As imagens de Rosângela Rennó”, que compõem a Dvdteca Arte na Escola, a artista se diz uma “fotógrafa que não fotografa”, pois ser fotógrafa não significa necessariamente, produzir a fotografia, mas sim, ter uma ligação com o espaço físico e sensorial da foto. Rennó se vale de imagens, de fotos, e de álbuns fotográficos que já estão no mundo as quais coleta, se apropriando, inclusive das fotos de seu pai já falecido que era fotógrafo amador.

⁵ Segundo Luiz Guilherme Vergara (1996, apud MARTINS) a curadoria educativa tem como objetivo: “explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. (...) constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado”

Esse material coletado mostra lembranças e memórias que, por algum motivo, ficaram guardadas e posteriormente esquecidas. Esses álbuns podem ser pensados como são verdadeiros vestígios de memórias. As fotos anônimas, sem autores, estão presentes em sua obra e projetam o passado para a atualidade. Em seu trabalho de coleção, os elementos da fotografia são coletados e formam, de certo modo, um verdadeiro arquivo e um museu: fotografias, porta retratos, *passe-partout*, molduras, legendas de fotos publicadas em jornais e revistas, etc, material com o qual ela faz uma rearticulação de imagens e objetos, nos quais realiza em alguns casos, sutis e delicadas intervenções⁶.

A prática colecionista no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto contou com uma situação de investigação, coleta e armazenamentos dos objetos do dia a dia escolar. Cada aluno procurou um objeto que mais lhe chamava a atenção ou o apreço para coletar e fazer a prática colecionável.

Destaco o trabalho de um aluno que com a ponta do compasso entre os espaços dos tacos no chão da sala de arte coletou ponta de grafite de lápis de cor proporcionando para sua coleção um colorido múltiplo.

O objetivo norteador desse estudo passa pela compreensão das funções dos museus que relacionam a coleção e a memória por meio de seus acervos e que proporcionam à sociedade a percepção da produção cultural. Esse propósito se abre em leque para os objetos específicos na investigação a respeito da arte contemporânea e das práticas artísticas com princípios colecionistas, para, com isso, identificar nas práticas coletoras e colecionistas dos estudantes, o processo histórico e o vivido, assim também fazem os museu e vários artistas.

Segundo BUCHMANN, (2014, p.3) o trabalho do professor é intelectual e mediador na escola, quando ele toma a visita ao museu valorizando os bens simbólicos e a memória social presente nos artefatos. Para o autor a ligação entre a sala de aula e o museu cria uma passagem para o do universo simbólico transformando o olhar e a realidade do contexto dos alunos.

⁶ Segundo Rennó (2002, p.3) o espectador deve deleitar-se com tudo o que se pode fazer com os meios fotográficos. (BUCHMANN,2002)

Para o autor,

A proposição de aulas em museus ou nas expressões do patrimônio são ações políticas, interferem e transformam a realidade. O simples fato de quem nunca visitaria o museu por si próprio tê-lo feito pela escola, mesmo que não venha a tornar-se um consumidor cultural, implicou no uso do instrumento cultural, caríssimo, que indiretamente ajuda a manter. Esta visita pode ser a oportunidade de, quem, sabe, escolher o museu como mais uma forma de entretenimento.(idem, 2014, p.3).

No caso que apresento, a ideia inicial era de uma prática investigativa que unisse o museu e a escola, contudo, compreendendo as dificuldades que permeiam esse objetivo, e a dificuldade dos alunos em compreender a função dos museus, percebi que seria necessária uma aproximação da instituição “museu” de outro modo, pelo princípio de colecionismo, da coleta de objetos do dia a dia dos 45 alunos do Colégio Estadual Bento Munhoz da Roca Netto no período vespertino.

A princípio busquei saber qual o conhecimento dos alunos sobre coleções, se as fazem e como fazem. Para tanto preparei um questionário e, posteriormente, um debate sobre coleções, memória e outros assuntos relacionados ao tema. A pesquisa foi uma das ferramentas do ensino, por meio de acesso a websites no laboratório de informática para que conhecessem obras e história dos artistas Andy Warhol bem como suas Cápsulas do tempo; de Mabe Bethônico e seu site Museumuseu e Rosângela Rennó com seus álbuns fotográficos. Também assistimos aos documentários dos artistas em questão.

Logo no primeiro semestre de 2017 o projeto foi apresentado aos alunos e proposto o trabalho como avaliação trimestral. Na sequência, debatemos o que é coleção, as relações da história com a memória e o patrimônio. Na apresentação das obras dos artistas acima mencionados, verifiquei que os alunos tinham muita curiosidade sobre objetos antigos que quase desconheciam, como o caso dos álbuns fotográficos com capa de veludo, coletados por Rosângela Rennó e, o antigo costume familiar do passado de fazer álbuns de fotografia. Outro assunto que levantou a curiosidade dos

estudantes foi o trabalho de Mabe Bethônico, “O Colecionador”⁷, em especial os recortes de flores que formam uma categoria desse “museu inusitado”. Alguns alunos comentaram sobre as coleções que seus avós mantêm, como de cédulas antigas, e que lhes mostram e também contam histórias da circulação do dinheiro no passado.

Na sequência foram montadas duas “cápsulas do tempo”, uma na sala de arte e outra na sala dos professores. Por isso, o projeto também foi apresentado aos demais docentes do colégio para que participassem da coleta que lembrassem o ano escolar de 2017, utilizando caixas de papelão, a exemplo de Warhol, e que foram deixadas abertas durante seis meses para a coleta nas salas de aula.

Posteriormente foram formadas equipes com quatro componentes e que se concentraram em duas temáticas da produção didática pedagógica⁸: “A sociedade de consumo e o jovem” e “Os objetos do dia a dia”, com o que, posteriormente fizeram, por equipe, um relatório sobre o que consomem na alimentação, o que descartam e de que modo podem reutilizar embalagens.

Foi questionado o uso dos objetos, das embalagens e de como podemos preservar o meio ambiente reutilizando os objetos que seriam descartados. Verifiquei nesse momento que os alunos procuram em seu vestuário, “roupas diferentes”, porém reaproveitam estilos que já mantêm em seu guarda roupa, o que na atualidade se chamou “costumizar”. As meninas reutilizam além do jeans, bijuterias como colares, brincos, e pulseiras, Já os meninos, preferem reaproveitar camisetas e colecionam bonés.

As atividades da produção didática pedagógica foram desenvolvidas de maneira a enriquecer a proposta de trabalho e sanear dúvidas dos estudantes sobre o que viria a ser a coleta e colecionismo como um processo criativo. Para

⁷ O Colecionador é um personagem fictício que recorta imagens de jornal diariamente, desde 1966, classificando-o em quatro grandes grupos, destruição, corrosão, construção e flores.(COHEN, 2006, p.2)

⁸ Produção didática pedagógica: caderno da temática e de atividades proposta pelo professor PDE e direcionada aos professores da Seed/ Pr na execução do curso pedagógico Grupo de trabalho em rede (GTR). A atividade desenvolvida entre os professores da rede estadual de ensino contou com a participação de 12 professores. A atividade consistia em um estudo em ambiente virtual de aprendizagem da SEED/PR, sobre o tema proposto no projeto de intervenção pedagógica e o desenvolvimento da Unidade pedagógica “ Colecionismo, um caminho ao museu”. Os professores envolvidos no GTR debateram e refletiram sobre a importância do tema para o ensino da arte bem como tomaram a frente da execução de atividades previstas na unidade temática em suas escolas.

tanto, propus que cada aluno do 6º ano fizesse uma coleção particular de objetos que descartam no dia a dia escolar, e que podiam se tornar objetos inusitados de coleção.

Também foi proposto em aula que eles transformassem o que coletaram em objeto artístico, usando colagem e fotografia digital, para a construção de um olhar estético e relacionando espaço tempo na sociedade contemporânea. Essa proposta pretendia fazê-los entender as funções de um museu, como cápsula do tempo, e das obras, como matéria conservada que conta de determinado contexto.

A outra proposta que complementava o projeto inicial e era uma referência ao trabalho das pastas de coleções do “Museumuseu”, era a criação de um diretório de fotos. A ideia era de que eles fariam fotos variadas com seus celulares e as “salvariam” em uma pasta, posteriormente, faríamos uma categorização das fotos, como faz da artista Mabe Bethônico. Minha intenção era, de com essas imagens, transformar o que foi coletado na “cápsula do tempo” em objeto artístico usando de colagem e fotografia digital.⁹

Essa proposta despertou muito o interesse dos alunos pela obra da artista Mabe Bethônico que coleciona figuras de flores, recortes de jornais e fez a obra “O Colecionador”

Colaborou com o projeto, a professora de geografia dos 6ºs anos, Stella Schemberg, que participou da visita ao Museu Alfredo Andersen. Com disposição e apoio da diretoria e a APM do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, a visita foi agendada. Na data, os alunos, com autorizações em mãos, estavam ansiosos e bem animados, pois era a primeira visita a um museu que fariam. No trajeto, comentavam sobre coleções, objetos de valor e sobre a importância da nossa história, sendo que alguns deles, que nasceram em outro estado, diziam que tomam o Paraná como referência de sua história de vida.

Chegando ao museu procuravam pelos objetos e apreciavam os detalhes das pinturas e do Museu Alfredo Andersen. O aluno M.B., 12 anos, mostrou-se curioso pelo acervo mobiliário da casa de Alfredo Andersen, comentando sobre a sala de Andersen, os quadros do artista e a louça disposta na mesa da sala

⁹ As fotografias digitais em diretório na Internet não foi possível devido ao meu afastamento para tratamento de saúde e a ideia, por falta de tempo, foi abortada. O diagnóstico da minha doença foi demorado e complexo vindo a interromper a aplicação do projeto em sala de aula e retomando-o apenas no último trimestre de 2017.

de jantar do artista. Por residir na cidade de Campo Largo, a cidade conhecida como a capital da louça e que possui fábricas de louça, achou interessante a louça disposta sobre a mesa.



Figura 6: Imagem do acervo do Museu Alfredo Andersen.
Fonte: acervo da autora, 2017.
Fonte: própria

A atividade final do projeto foi a exposição das coleções. Elas foram dispostas em caixas pintadas e decoradas pelos alunos conforme a temática ou obra dos artistas referidos no projeto de intervenção pedagógica. Nas etiquetas, ficou evidente a eles uma relação com o museu e a identificação dos objetos aos visitantes. Na data marcada para a exposição, as coleções foram mostradas às demais turmas do colégio. Essa visita despertou muito interesse dos grupos que se perguntavam, afinal porque guardar embalagens de balas, de chocolates, bolas de papel usado, pedras e outros? Esse olhar curioso gerou muitas perguntas aos alunos do 6º ano, que não tiveram problemas em responder e explicar o porquê se coleciona e como se faz uma coleção, como isso possibilita a formação da história e memórias pessoais.

A exposição dos objetos reunidos nas “cápsulas do tempo” da sala dos professores, permitiu aos docentes que revivessem histórias e lembranças relacionadas aos objetos guardados. Como exemplo da operação que a capsula permitiu, como disse anteriormente, há grande diferença entre o lixo da delegacia e da sacristia, isso aconteceu no projeto.

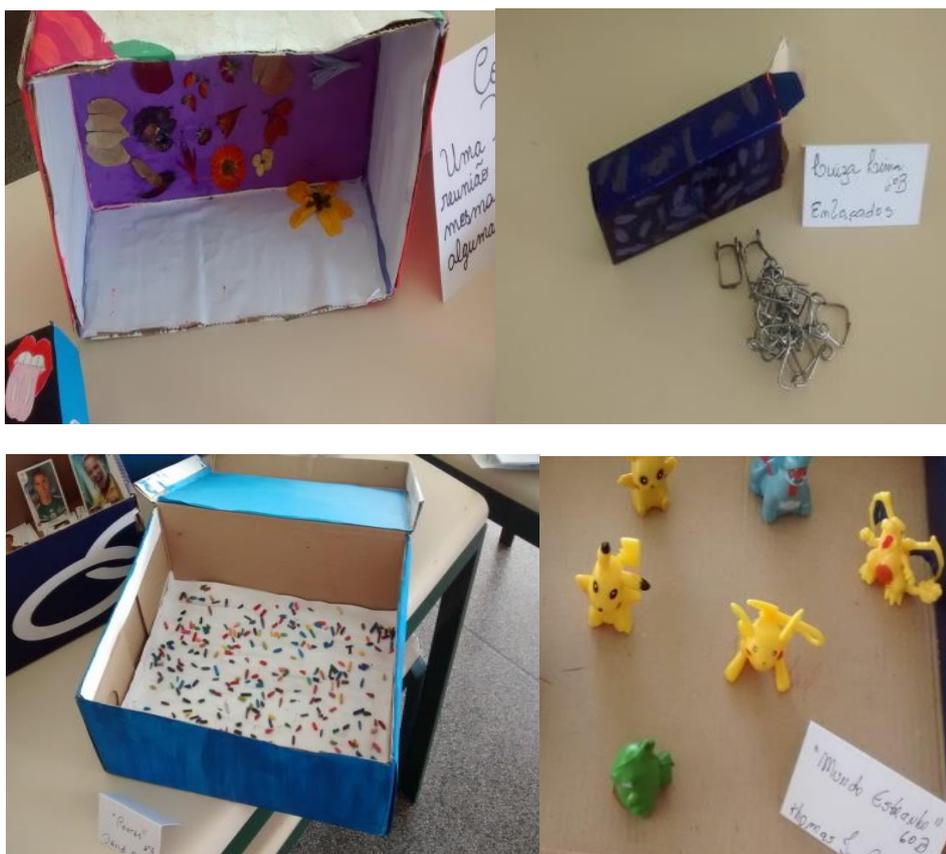


Figura 9: coleções de alunos do 6º ano B
Fonte: própria, 2017.



Figura 10 : coleções dos alunos do 6º ano A.
Fonte: a autora, 2017.



Figura 11 : caixa acervo e coleção dos alunos do 6º ano A.

Fonte: própria,2017

Considerações finais.

Esse projeto me permitiu redescobrir o entusiasmo em lecionar aulas de arte no 6º ano do Ensino Fundamental II. Vi nos meus alunos um interesse pela arte diferenciado, o que sem a implementação do projeto não teria vislumbrado.

Todos os alunos demonstravam interesse em desenvolver as atividades e debater as questões propostas.

A visita ao Museu Alfredo Andersen levou-os a levantar dados do artista, conhecer sua obra e conhecer o acervo do museu.

O desenvolvimento do projeto além de trabalhar com a ideia de apropriação, do colecionismo também reestruturou posições quanto ao consumismo da sociedade moderna e colocou em “cheque”, para os alunos, o que descartamos em nosso dia a dia provando a ideia de sempre estamos em mutação e em um aprender, constante.

Hoje, creio que em suas caixas acervos, além de objetos sem, ou de pouco valor, virão conservar histórias e memórias desse momento de suas vidas. Além dessas lembranças, as caixas acervo irão fomentar a recordação de momentos especiais da vida escolar. Pode-se entender esses produtos como depositários que conservaram um patrimônio imaterial, capaz de sintetizar um simbolismo do passado, da juventude para recordar esse ano. Os sentidos colocados nessa poética serão revividos de maneira a proporcionar um sentido de articulação do imaginário e da significação das memórias.

Em suas caixas acervo estará conservada a ideia de reinventar as coisas, dar novo sentido aos objetos e até transformá-los em objetos artísticos aproximando-os de maneira lúdica do poder artístico que cada um carrega dentro de si.

Lembro-me aqui da artista Rosângela Rennó, que vem coletando imagens fotográficas e elementos que constituem o universo da fotografia, que esses objetos guardam histórias e memórias de alguma vida, representam momentos de pessoas e conservam histórias de suas famílias com suas biografias e associações, que podem se abrir a cada apreciador de forma diferenciada.

Além dessas ideias levo para minha vida, na docência, a oportunidade de desfrutar momentos de estudos e da rerepresentação de maneiras de ensinar: Recordar estará gravado em passos futuros para fazer com que os futuros alunos também descubram significados e poéticas pelas coleções e memória.

Referências:

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. São Paulo Martins Fontes, 2012.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Coleção Debates. 5ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

BETHÔNICO, Mabe. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v.111, n.5, maio/jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/viewFile/10959/7840>>. Acesso em: dez. 2017

BLOM, Philipp. **Ter e Manter**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

BUCHMAN, Parreira Luciano. **“Escolares nos museus: Ensaio do novo público como ato de educadores intelectuais”**, MIDAS [online], 2014, Disponível em: <http://midas.revues.org/463>; DOI : 10,400/midas.463. Acessado em de maio de 2016.

BUCHMANN, Parreira Luciano. **Entendendo Museus: preparando a visita de crianças a museus**. Curitiba: Ed. Do Autor, 2001.

BUCHMANN, Parreira Luciano. **Material educativo para Professor Propositor. As Imagens de Rosângela Rennó.** São Paulo. Instituto Arte na Escola, 2005.

Disponível em: http://artenaescola.org.br/uploads/dvdteca/pdf/arg_pdf_31.pdf. Acessado em 05.02.2018.

COHEN, Ana Paula. **Editorial Museumuseu.** São Paulo, outubro 2006. 27ª Bienal de São Paulo: Disponível em.:

http://desarquivo.org/sites/default/files/bethonico_newsletter01_museumuseu.pdf . Acessado em dezembro de 2017.

COHEN, Ana Paula. BETHONICO, Mabe. **“EDITORIALMUSEUMUSEU”.** Ano 1, Nº 1, outubro/2006. 27ª Bienal de São Paulo.

COSAC, C. (31 de Janeiro de 2005) **Objetos.** Catálogo da exposição realizada no Centro Cultural Banco do Brasil de 31 de Janeiro a 10 de abril no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Câmara Brasileira do Livro.

COSTA, Paulo de Freitas. **Sinfonia de Objetos.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

DOHMANN, Marcus. [et al] (org.). **A experiência material: a cultura do objeto.** Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ELMES, Simon.(2014).**The secrets of Andy Warhol’s time capsules. BBC News magazine.** Disponível em : <<https://www.bbc.com/news/magazine-29125003>>. Acesado em 12.12.2017.

HORTA, Maria Lourdes Parreiras. Lições das Coisas. O enigma e o desafio da Educação Patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museus.** Nº 31. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005. p.220 a 233.

LECCARDI, Carmem. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo.**

Publicação de artigo científico. Tradução: GUARINELLO, Norberto L. Disponível em: www.scielo.br/pdf/v17n2/a03v17n2.pdf . Acessado em 23.06.2017.

MOL, M. **A Sociedade de consumo e o descarte de resíduos** Portal Ecodebate.(04.04.2013). Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2013/04/04/a-sociedade-de-consumo-e-o-descarte-de-residuos/>

[//www.ecodebate.com.br/2013/04/04/a-sociedade-de-consumo-e-o-descarte-de-residuos/artigo-de-marcos-mol/](http://www.ecodebate.com.br/2013/04/04/a-sociedade-de-consumo-e-o-descarte-de-residuos/artigo-de-marcos-mol/). Acessado em agosto,2017.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

VENÂNCIO, Paulo Filho. Aspectos de uma coleção. In: **Arte Moderna Brasileira**: Uma seleção da Coleção Roberto Marinho. Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, 1995.

WEISMAN, Alan. **O Mundo Sem Nós**. São Paulo: Editora Planeta, 2007.

Documentários:

AS IMAGENS DE ROSANGELA RENNÓ. Coleção: O mundo da arte. Direção: Cacá Vicalvi. Instituto Arte na Escola. Produção: Rede SESC/SENAC de televisão de São Paulo, 2002. Duração: 23 minutos. São Paulo.